

“A SORTE SORRIU PARA MIM”¹: O ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DIFERENCIADA

Maria Amália de Almeida Cunha – Faculdade de Educação/UFMG

Maria Teresa Gonzaga Alves – Faculdade de Educação/UFMG

O locutor oficial da 'Loteria Mineira' anunciava o número e depois o nome do candidato. Assim, foram sucedendo-se os sorteios: o primeiro, o segundo, o terceiro... o oitavo, o nono, o décimo. Nessa altura, os "sortudos" se manifestavam com gritos, assobios e aplausos, vibrando com a sorte que lhes sorria. Depois, vinha o silêncio e era novamente 'cantado' um novo número. Quando acontecia de sair um número acima da quantidade de candidatos, era desconsiderado, logicamente; mais um momento onde a expectativa e a emoção tomavam conta de cada espectador. Ao perceber que o número esperado não saía, instintivamente eu fechava os olhos, fixava a mente no número em que fora inscrito o meu netinho e pensava positivamente: é agora, ele vai ser o próximo! (O Sorteio, por Ceres Damasceno, 2008)²

1. Introdução:

Este trabalho tem por objetivo investigar as razões de escolha por uma escola pública diferenciada para famílias que, por constrangimentos materiais, não poderiam escolher um estabelecimento de ensino privado para seus filhos. A escola em foco é a unidade de ensino fundamental vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) denominada Centro Pedagógico (CP), onde o ingresso é possível apenas por meio de um sorteio de vagas aberto a qualquer interessado.

O CP foi fundado pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais em 1954 e funcionou como um ginásio de aplicação destinado à prática docente de alunos matriculados no curso de didática. A partir de 1958, com a expansão das políticas educacionais, a escola ampliou sua oferta de cursos para os níveis científico, clássico e normal. A partir de 1968, com a reforma universitária, o CP se integrou à Faculdade de Educação (1971) e conjuntamente ao Colégio Técnico (COLTEC) passou a abarcar formações de 1º e 2º grau e cursos técnicos de nível médio (1981). Com a Resolução N° 05/2007 seu atual arranjo institucional foi estabelecido com a integração do CP, do COLTEC e do Teatro Universitário (TU), que juntos compõem a Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Desta forma, ao final dos nove anos do ensino fundamental no CP, seus alunos podem continuar os estudos na escola de ensino médio e profissional³.

¹ Título de uma crônica sobre o sorteio no Centro Pedagógico, publicada em: <http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1339300>, consultado em novembro de 2011.

² Crônica publicada em: <http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1339300>, consultado em novembro de 2011.

³ Informações disponíveis na dissertação de Castro (2002) e nos sites institucionais do Centro Pedagógico (<http://www.cp.ufmg.br/historico.php>) e do Colégio Técnico

A atual modalidade de ingresso por meio de sorteio foi instituída em 1993, com o intuito de democratizar o acesso à escola e evitar seletividade que favoreça qualquer grupo social. Em consequência, a disputa por vagas se tornou bastante acirrada. No presente ano escolar, as 50 vagas do primeiro ano do ensino fundamental foram disputadas por 1302 inscritos, ou seja, 26 candidatos por vagas sorteadas⁴.

O espectro de famílias que se inscrevem no sorteio anual de vagas, em termos de nível socioeconômico, é muito amplo. Este trabalho se volta para o subgrupo de alunos cujas famílias, com menor poder aquisitivo, se inscrevem nesse sorteio como uma espécie de aposta entre esta escola e uma escola pública comum. Para aquelas famílias que a sorte lhes sorrir, esta escola é vista um lugar de maiores oportunidades educacionais. A partir deste evento, elas podem construir expectativas em torno da escolarização dos filhos e tentar se ajustar às demandas de outra realidade escolar: corpo docente estável, escola bem equipada e rotina pedagógica em tempo integral.

Frente a esse quadro, nossas questões são: quais foram as principais motivações da escolha para este grupo de famílias e como tiveram acesso a informações sobre o CP? Uma vez contemplados com uma vaga, como as famílias se ajustam à dinâmica da escola e quais expectativas constroem em torno dela?

Para tanto, trabalhamos com uma amostra de 20 alunos e suas respectivas famílias, escolhidos dentre aqueles com perfil mais próximo ao grupo de interesse, isto é, famílias com nível socioeconômico (NSE) médio e médio-baixo. Este grupo foi selecionado a partir da coorte de 91 alunos matriculados na escola em 2005, que participaram de um estudo longitudinal denominado Pesquisa Geres, que acompanhou alunos de 61 escolas públicas e privadas de Belo Horizonte, por meio de aplicação de testes para aferir o desempenho escolar e questionários respondidos por familiares⁵. Em 2008, uma parte desses alunos foi sorteada para um *survey* domiciliar junto a suas

(<http://www.coltec.ufmg.br>).

⁴ Informações disponíveis em: http://web.cpv.ufmg.br/Arquivos/2012/CP_2013_Relacao_Candidatos_Vaga.pdf, consultado em 07/12/2012.

⁵ *Projeto Geres – Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005*, pesquisa que acompanhou, de 2005 a 2008, a evolução da proficiência escolar de cerca de 21.000 alunos do ensino fundamental de cinco cidades brasileiras (denominada polos), por meio da aplicação de cinco “ondas” de testes de Língua Portuguesa e de Matemática – a primeira realizada no início de 2005, quando os alunos começavam a 1ª série, e as demais, aplicadas no final da 1ª, da 2ª, da 3ª e da 4ª séries. Para maiores informações sobre o Projeto Geres, consultar Franco, Brooke, Alves (2008).

respectivas famílias a fim de investigar diferenças mais finas entre elas. Com o intuito de homogeneizar essa amostra e possibilitar que diferenças secundárias entre as famílias se destacassem, a amostra do *survey* foi extraída dentre famílias com NSE médio ou inferior. Assim, dos 91 alunos da escola federal que fizeram parte da Geração 2005, 35 famílias de alunos do CP pertencentes ao estrato inferior foram sorteados para o *survey* familiar. Portanto, a amostra de 20 alunos cujas famílias foram entrevistadas neste estudo qualitativo faz parte de um contexto de pesquisa mais abrangente que norteou a realização das questões específicas aqui abordadas, bem como a análise dos dados.

Desta forma, uma vez definida a amostra de famílias menos favorecidas, procuramos investigar em que medida o fator sorte e, por trás dele, a possibilidade de evitamento da escola pública comum, influenciou na construção de expectativas familiares em relação à escola e como estas famílias se apropriam dos elementos que fazem desta escola uma escola pública diferenciada.

2. Perfil socioeconômico das famílias com filho na escola federal

Pode-se dizer que as características distintivas do CP – sua vinculação à UFMG e a forma de ingresso por sorteio – além de a diferenciarem em relação às outras escolas públicas comuns, impactam no perfil do alunado constituído nesta escola.

Há evidências de que as famílias que inscrevem seus filhos no concorrido sorteio de vagas do CP denotam uma valorização simbólica sobre sua qualidade de ensino principalmente devido à vinculação à universidade federal (CASTRO, 2002; RESENDE; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2011). Todavia, todas elas, mesmo aquelas que não têm sorte no evento, devem também possuir uma imagem simbólica positiva da escola, embora os seus filhos tenham tido outro destino escolar.

A este respeito, Soares, Pinto e Bastos (2008) realizaram um estudo que comparou o desempenho escolar de alunos sorteados (grupo caso) e não sorteados (grupo controle) no evento que seleciona os alunos da escola federal. Os alunos dos grupos caso e controle foram pareados pelo mesmo sexo e residência (endereços muito próximos, localizados pelo CEP). Dentre os casos controle, as escolhas das famílias não sorteadas recaíram, na maioria, para escolas públicas estaduais e municipais. A maioria das famílias com nível socioeconômico mais alto que não foi sorteada – minoria dentre os inscritos – optou por escolas privadas. O estudo também coletou dados qualitativos

em um grupo focal que reuniu algumas famílias não sorteadas das redes públicas e privadas, bem como algumas sorteadas. De uma forma geral, os pais expressaram uma imagem positiva da escola. Entre os sorteados, os pais confiam que os resultados serão bons, mesmo sem saber ainda explicar o que diferencia a educação ofertada pela escola.

A distância da escola (Centro Pedagógico) em relação aos bairros predominantemente residenciais é outro fator que impacta na constituição do alunado da escola. A maioria dos alunos do CP reside em bairros localizados entre cinco a quinze quilômetros da escola. Esta dispersão não é típica nas outras escolas públicas da cidade (municipais e estaduais), nas quais o ingresso é organizado por meio do Cadastro Escolar – o sistema da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que garante uma vaga para todas as crianças na rede pública de ensino. As crianças cadastradas para o primeiro ano do ensino fundamental são designadas para estabelecimentos de ensino localizados, prioritariamente, a até 300 metros de sua residência (PINTO, 1999)⁶. Desta feita, o acesso à escola federal não é dos mais fáceis, exigindo que a maioria das famílias, uma vez tendo optado por ocupar a vaga sorteada, tenha que arcar com despesas com o transporte escolar do aluno. O CP, por meio da fundação de apoio estudantil da universidade, pode oferecer um auxílio transporte para alunos mais carentes. Mas esta informação não é amplamente divulgada antes do ingresso⁷.

De certo, as famílias que se candidatam a uma vaga no CP apostam neste evento a chance de oferecer uma educação diferenciada para os filhos. Dentre estas, há aquelas famílias cujas possibilidades educativas dos filhos se limitam à rede pública de ensino. Elas, ao se inscreverem no sorteio, já devem ter feito o Cadastro Escolar, uma vez que ele ocorre em data anterior ao sorteio. Caso o filho não seja escolhido, ele tem uma vaga garantida na escola pública mais próxima à residência da família. Mas há também algumas famílias mais privilegiadas que porventura se inscrevem no sorteio e também precisam de uma alternativa. Nesses casos, significa, quase sempre, buscar por uma escola privada que, geralmente, inicia suas matrículas ou reserva de vagas no ano anterior ao ingresso.

⁶Entretanto, segundo Pinto (1999), a maioria das solicitações para o primeiro ingresso na rede pública é atendida em estabelecimentos localizados entre 300 metros e um quilômetro da residência do aluno (52,12%), seguida pelos endereços localizados até os 300 metros da escola (43,75%). Embora os dados citados no trabalho não sejam atualizados, são os únicos publicados. Todavia, os critérios preferenciais em termos de distância permanecem.

⁷Informação obtida em uma entrevista com um professor da escola que ocupa um cargo de coordenação.

Todavia, mesmo com a aleatoriedade do evento para o preenchimento das vagas, não se pode considerar que os alunos inscritos no sorteio pertencem a famílias representativas das famílias com filhos em idade para ingresso no ensino fundamental da cidade. Do lado daquelas que têm o perfil socioeconômico menos favorecido, muitas possivelmente se excluem na inscrição. Este ato não é uma “obrigação” como o Cadastro Escolar. Para se inscrever, a família, primeiro, precisa ter acesso a informações sobre a existência da escola e o processo seletivo, seja por veículos de comunicação, redes sociais, circulação no campus da universidade ou outras fontes. Mas, essas informações não são igualmente distribuídas entre a população. A localização da escola pode também ser um aspecto restritivo para as famílias mais pobres. Dentre estas, é plausível supor que somente para aquelas mais mobilizadas vale a pena se inscrever no sorteio, tendo em vista o investimento que a escola poderá exigir para que a família garanta a presença do filho no estabelecimento.

Dentre as famílias mais favorecidas, também deve haver alguma seletividade nas inscrições para o sorteio. Tipicamente, essas famílias fazem a escolha da escola dos filhos em vez de serem escolhidas tais como consumidores de escolas (NOGUEIRA, 1998; POUPEAU, 2011). A opção pela inscrição no sorteio denota que estas famílias consideram a possibilidade de oferecer ao filho uma educação pública diferenciada, não obstante o perfil mais diverso do alunado em comparação com as escolas privadas seletivas.

Assim, os inscritos devem representar um espectro variado de famílias, com maior concentração nos setores médios da população da cidade, tendo em vista que os extremos – os mais pobres e os mais ricos – operam com condicionantes e restrições que os autosselecionam. Esta descrição pode ser verificada por meio de resultados produzidos em estudos externos a esta pesquisa.

Um estudo realizado por Alves e Soares (2012) confirma esta descrição do perfil dos alunos do CP. Os autores estimaram o nível socioeconômico (NSE) de quase setenta mil escolas públicas e privadas de educação básica em todo o Brasil⁸. Os

⁸ Os autores fizeram uso das informações dos questionários contextuais produzidos pelas avaliações em larga escala pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que possuem informações sobre alunos matriculados em escolas públicas e privadas. Os dados foram publicados no site QEdu (www.qedu.org.br) e são disponibilizados, sob requisição por escrito, pelos autores do trabalho para pesquisa acadêmica.

resultados foram posicionados numa escala de zero a dez pontos, do mais baixo ao mais alto NSE. Os alunos matriculados nas escolas do município de Belo Horizonte possuem o NSE médio de 5,6, ou seja, um pouco acima do ponto médio da escala. Entre as redes de ensino, os alunos das escolas particulares da cidade identificadas na amostra possuem o NSE médio de 7,5; os alunos das escolas municipais e estaduais têm o NSE médio de 5,4; e os das escolas federais 6,7. Nesse mesmo trabalho, observa-se que o CP possui um NSE médio igual à média do segmento dos estabelecimentos de ensino federais, ou seja, o seu alunado tem um perfil intermediário entre as escolas privadas e as demais escolas públicas. Ou seja, a escola congrega alunos com perfil social com espectro mais amplo, com famílias de todos os tipos, ao passo que as demais tendem a ser mais segmentadas.

Os dados do Projeto Geres (Cf. nota 4) nos permitiram qualificar um pouco melhor o nível socioeconômico das famílias que matriculam seus filhos no CP, pois eles contêm informações sobre a escolaridade e a ocupação dos pais dos alunos e a renda familiar do domicílio da família, estimada por meio da informação da renda familiar média do setor censitário no qual a residência do aluno está localizada (ALVES; SOARES, 2009)⁹. A população Geres da escola federal foi constituída por 91 alunos (exatamente todos os alunos que ingressaram no ano de 2005). Revisitando os dados deste estudo, é possível constatar que essas famílias têm perfis muito variados, mas com predomínio de famílias de classe média (NERI, 2011; SOUZA, 2010; LAMOUNIER, 2010).

Em relação à escolaridade, o grupo majoritário é constituído por 58,2% das mães e 45,1% dos pais que terminaram o ensino médio. O ensino fundamental foi concluído por exatamente o mesmo percentual de mães e pais (18,7%). Da mesma forma, o percentual de pais e mães que concluíram o ensino superior coincidia em 16,5%. Apenas 5,5% das mães tinham escolaridade inferior (estudaram até primeira etapa do fundamental ou menos). Mas, entre os pais este percentual chegava a 16,5%¹⁰. Considerando que a média de anos de estudo da população da região metropolitana de Belo Horizonte é de pouco mais de 8,2 anos (ou apenas o ensino fundamental

⁹Esta informação é obtida a cada dez anos no Censo Populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁰1,1% das mães e 3,3% dos pais não responderam ao item ou deram respostas inválidas.

completo¹¹), os pais dos alunos da escola federal encontravam-se, já na época desse levantamento, acima da média, pois o grupo majoritário possuía escolaridade equivalente a 11 anos de escolaridade.

Quanto à ocupação, os pais exerciam atividades profissionais bem variadas em termos de prestígio. As ocupações foram classificadas segundo os estratos ocupacionais propostos por Pastore (1979) e posteriormente atualizados por Pastore e Silva (2000). Entre os pais e as mães, as ocupações mais frequentes eram típicas do estrato ocupacional médio-inferior (34,1%), tais como: mestres de obras, cabeleireiras, motoristas, mecânicos, operadores de telemarketing e comerciários. O segundo estrato mais frequente era o médio-médio (25,3%), cujas ocupações típicas, entre os pais dos alunos, eram: bancários, comerciantes, auxiliares administrativos e técnicos. Ocupações no estrato médio-superior congregavam 22% dos pais, que possuíam ocupações como: administradores de empresa, professores da educação básica, corretores de imóveis, gerentes, secretárias executivas e militares do exército. Nos extremos da escala ocupacional havia 11% de pais no estrato mais alto, com ocupações que tipicamente exigem nível superior (dentistas, engenheiros, professores de universidades, jornalistas, publicitários e contadores) e 3,3% de pais com ocupações classificadas no estrato mais baixo (empregadas domésticas, pedreiros, operadores de trator e auxiliares de gráfica)¹².

A informação sobre rendimento indica que 36,3% das famílias residiam em setores censitários cuja renda média se situava na faixa entre cinco a dez salários mínimos e 33% em setores com renda média na faixa de três a cinco salários mínimos. 13,2% residiam em setores com renda acima de dez salários mínimos, e 6,6% em locais com renda entre dois a três salários mínimos. Nenhum aluno residia em locais com renda inferior a dois salários mínimos.

As informações sobre a escolaridade, ocupação e renda corroboram com a descrição de que essas famílias possuem um perfil menos segregado do que o observado nas escolas públicas e privadas. Embora os segmentos médios sejam maioria, a escola propicia a convivência entre alunos com famílias mais e menos favorecidas.

¹¹Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do ano de 2009. Dados compilados por Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), disponíveis em http://www.iets.org.br/rubrique.php?id_rubrique=12, consultado em 01 de outubro de 2012.

¹²4% dos pais ou mães não informaram a ocupação.

As 35 famílias de alunos do CP pertencentes aos estratos inferiores que participaram do *survey* domiciliar que sucedeu a Pesquisa Geres em Belo Horizonte, tem um perfil bastante distinto do perfil típico das famílias do CP, devido à exclusão da base amostral das famílias com maior poder aquisitivo, conforme exposto na introdução deste trabalho.

Na amostra do *survey*, nenhuma mãe ou pai tinha curso superior quando na população original eram 16,5%. O estrato ocupacional alto contava com 10 pais ou mães (11%). Na amostra do *survey*, apenas um pai foi classificado neste estrato. Por outro lado, cresceu bastante o percentual de famílias residentes em setores com renda familiar entre 3 a 5 salários mínimos (40%) e apenas três famílias do *survey* residiam em locais com renda média mais alta. Com efeito, não podemos traduzir os resultados do *survey* como representativo das famílias típicas do CP. Eles expressam as famílias menos favorecidas que tiveram sorte no evento único que seleciona os alunos da escola.

Estas famílias, para as quais a sorte lhes “sorriu”, tiveram neste evento uma chance para mudar o destino escolar que seria dado ao filho pelo Cadastro Escolar. Assim, o elemento “sorte” opera de forma análoga ao que ocorre com um apostador eventual que gasta dois reais em uma aposta mínima da Mega Sena. Se ele não for sorteado (o que é o mais provável para a maioria absoluta dos apostadores), nada irá mudar em sua vida. Apenas ele gastou um valor que poderia ser usado com coisas mais importantes. Mas se o apostador ganhar, ora, a sua vida nunca mais será a mesma. Muda tudo.

As famílias que se inscrevem no sorteio federal do CP também fazem uma aposta. A diferença é que elas precisam de um “plano B” (ou talvez a própria inscrição o seja). Para as famílias mais favorecidas – que são a minoria nas inscrições – a alternativa ao sorteio é principalmente uma escola do setor privado. Mas para as famílias de classes médias baixas e baixas, quase sempre, não há escolha. Resta apenas uma escola pública comum designada pelo Cadastro Escolar.

As 20 entrevistas realizadas com famílias de alunos dentre as menos favorecidas matriculadas na escola federal têm por objetivo investigar as expectativas construídas pelas famílias a partir da vaga conquistada por meio do sorteio em uma escola pública federal de ensino fundamental.

3. Os alunos da pesquisa qualitativa

A Pesquisa Geres, a partir da qual os alunos e respectivas famílias foram selecionados para este estudo qualitativo, incluiu, entre seus instrumentos, testes de desempenho aplicados na escola. Para estabelecermos um critério de escolha para a realização das entrevistas de nossa sub-amostra, selecionamos 10 alunos com maior desempenho e 10 alunos com menor desempenho médio nesses testes. Os quadros abaixo sintetizam a composição familiar dos alunos:

Composição familiar – grupo de maior desempenho GERES			
Famílias	Nº filhos	Posição na fratria	Arranjo familiar
A1	1	Unigênito	Biparental e nuclear
A2	3	Filho do meio	Biparental e nuclear
A3	3	Primogênito	Biparental, nuclear e recomposta
A4	2	Primogênito	Biparental e ampliada materna
A5	1	Unigênito	Monoparental e ampliada materna
A6	3	Caçula	Biparental e ampliada paterna
A7	1	Unigênito	Biparental, nuclear e recomposta
A8	2	Primogênito	Biparental e ampliada materna
A9	1	Unigênita	Biparental e ampliada materna
A10	3	Filha do meio	Monoparental e nuclear

Composição familiar – grupo de menor desempenho GERES			
Famílias	Nº filhos	Posição na fratria	Arranjo familiar
B1	1	Unigênito	Biparental, ampliada materna e recomposta
B2	2	Caçula	Biparental e nuclear
B3	2	Primogênito	Biparental, nuclear e recomposta
B4	2	Primogênita	Monoparental e ampliada materna
B5	2	Primogênita	Biparental, nuclear e recomposta
B6	3	Caçula	Biparental e ampliada paterna
B7	3	Primogênito	Biparental e ampliada paterna
B8	3	Primogênita	Monoparental e ampliada materna
B9	2	Caçula	Biparental e nuclear
B10	2	Caçula	Biparental e nuclear

A respeito do número de filhos, observa-se no primeiro grupo uma média de exatamente 2 filhos por família, enquanto no segundo a média é levemente mais alta, com 2,2 filhos por família. De acordo com o Censo 2000, cujo período de coleta de dados foi na mesma década em que nasceram os alunos pesquisados, ambos os grupos correspondem à taxa de fecundidade registrada na região Sudeste, que apresentou uma

média de 2,1. Em relação à fecundidade associada à faixa de renda domiciliar *per capita* no Brasil, a amostra da pesquisa Geres se encontra entre R\$255 e R\$1020, ou seja, entre ½ e 2 salários mínimos (valor referente ao ano de 2010). Portanto, quando o número de filhos das famílias entrevistadas é comparado aos dados relativos à renda apontados pelo IBGE, novamente se tem uma conformidade da amostra da pesquisa com o padrão identificado na população brasileira.

Status da residência e distância do CP - maior desempenho		
Famílias	Status da residência	Distância residência - CP
A1	Casa própria	12,5 km
A2	Casa própria	10 km
A3	Casa própria	7,5 km
A4	Própria/ocupação	1 km
A5	Propriedade avós maternos	10,5 km
A6	Avó paterna/casas separadas	5,5 km
A7	Apartamento próprio	16 km
A8	Avó materna/andares separados	11 km
A9	Avó materna/andares separados	5 km
A10	Casa própria	25 km

Status da residência e distância do CP - menor desempenho		
Famílias	Status da residência	Distância residência - CP
B1	Avó materna / casas separadas	2 km
B2	Casa própria financiada	8 km
B3	Apartamento próprio	8 km
B4	Casa própria	5 km
B5	Casa alugada	10 km
B6	Avô paterno / casas separadas	19 km
B7	Avô paterno / casas separadas	9 km
B8	Casa própria	7,5 km
B9	Casa própria	7 km
B10	Casa própria	7 km

Nas tabelas referentes ao status da residência, nota-se que das 10 famílias ampliadas, duas do primeiro grupo e duas do segundo grupo moram na mesma residência, enquanto as outras seis famílias dividem o mesmo lote, mas em casas ou apartamentos separados. Além disso, em todos os casos registrados são os avós os proprietários dos imóveis, o que representa uma estratégia recorrente de famílias de

estratos mais pobres frente ao inflacionado mercado imobiliário do município. Ao invés de se comprar um novo imóvel, o lote dos avós é dividido pela metade para se construir um barracão nos fundos, ou se aumenta mais um andar da casa para acolher os filhos recém-casados. Curiosamente, alguns dos entrevistados que moram em casas ou apartamentos separados se esforçam para demonstrar que os avós não influem na vida doméstica da família. Por exemplo, enfatizam que as contas não são divididas, que no dia a dia as refeições são feitas separadamente e que se veem apenas no final de semana, entretanto, a relação dos avós com os netos é bem mais íntima e próxima. Enquanto os pais estão trabalhando, os filhos passam seu tempo livre, assistem à televisão e fazem suas refeições na casa dos avós, estabelecendo uma forte relação com esses membros parentais cada vez mais presentes na família brasileira, dado o aumento progressivo da expectativa de vida da população.

A seguir, a atenção se direciona para as motivações da escolha pelo CP e para as estratégias familiares dirigidas à escola após o ingresso no Centro Pedagógico. Afinal, assim como seus filhos, os pais também constroem uma trajetória escolar, ou seja, precisam passar por um intenso aprendizado dos nuances institucionais, por uma difícil aproximação do universo escolar dos filhos, por uma forçosa incorporação da perspectiva pedagógica da escola que se distingue essencialmente da educação da rede pública. Ora, o “efeito-CP” se apresenta nos exemplos de pais que voltaram a estudar após o ingresso do filho na escola, como ocorreu com a família A4 em que a mãe terminou o ensino médio para ter melhores condições para acompanhar a vida escolar dos filhos e ajuda-los nas lições de casa.

4. A ‘escolha’ da escola federal

Como vimos anteriormente, a acirrada disputa por uma escola pública diferenciada, como é o caso do CP, conta hoje unicamente com o fator ‘sorte’. Sem poder selecionar os alunos, o CP tornou-se uma escola ‘diferenciada’, na medida em que desfruta de condições (físicas e estruturais) melhores do que suas parceiras da rede pública comum, porém, deixou de ser a opção de famílias de camadas médias intelectualizadas, como pais, professores da UFMG que, anteriormente ao sorteio, faziam uma clara opção por esta escola.

Após quase duas décadas de vigência do sorteio no CP, pode-se avaliar que esta opção cumpriu, em certa medida, aquilo a que se propunha, porém sua aleatoriedade

não produziu uma seleção de candidatos absolutamente imparcial e equânime. Para discutir o quanto o sorteio possibilita a concorrência democrática para o ingresso na escola federal, pode ser esclarecedora a análise de como o grupo de famílias menos favorecidas do ponto de vista do NSE (grupo este representado por alunos de maior e menor desempenho na Pesquisa Geres) e divididas entre os 10 alunos de maior e menor desempenho na Pesquisa Geres) fez sua escolha pelo CP.

Aqui temos alguns exemplos das razões da escolha da escola pelas famílias entrevistadas. Pelo fato do grupo das 20 famílias ser relativamente homogêneo, do ponto de vista do nível socioeconômico, pode-se dizer que a razão da escolha do estabelecimento de ensino, para ambos os grupos, foi evitar a escola pública comum em busca de maiores oportunidades educacionais. Entretanto, há diferentes motivações para evitar a escola pública comum e concorrer a uma vaga no CP. No grupo analisado, detectamos as seguintes motivações: 1) indicação de amigos, parentes que trabalham ou trabalharam na UFMG. Nestes casos, as famílias contariam com aquilo que Van Zanten (2009) denominou de ‘informações quentes’; 2) procura por um território seguro, menos vulnerável e 3) aleatoriedade.

Para as famílias que inscreveram seus filhos no sorteio, motivadas pela indicação de parentes ou amigos, percebe-se que estas creditam um grande valor simbólico à escola, mencionando sua boa reputação. Parecem fazer uso de um capital de informações sobre a escola derivado de uma rede de relações pessoais. As informações sobre o universo escolar são relativamente familiares, uma vez que havia a proximidade de um parente próximo que estudou ou que trabalhou/trabalha na UFMG.

Outro dado que convém mencionar e que é recorrente em 18 famílias das 20 entrevistadas é o destino escolar do (a) filho (a), caso não tivessem a vaga assegurada por meio do sorteio seria a matrícula em uma escola pública definida pelo Cadastro Escolar.

Evitar a escola pública comum representa a busca por melhores oportunidades educacionais, quando se pensa nas vantagens que é possível obter por meio de uma escola que se situa no interior da maior universidade do estado de Minas Gerais. Veremos que para boa parte destas famílias, o ingresso no CP é a promessa de ingressar

em uma universidade pública, após ter passado pelo percurso da educação básica dentro da Universidade (o CP e o COLTEC).

Há também relatos dos familiares que mencionam a segurança da escola, pelo fato desta situar-se no campus da UFMG. Para uma das entrevistadas, o grande ganho da filha não se restringe somente ao acesso a uma escola de educação fundamental diferenciada, mas nas inúmeras vantagens que ela vislumbra para a filha por ocupar um território seguro e bastante estratégico.

Não se pode desconsiderar também o fator ‘aleatoriedade’ para a escolha da escola. Para muitas famílias, a busca por uma escola diferenciada da escola pública comum não fazia parte de um projeto familiar pregresso, nem tampouco contou com um capital estratégico de informações. A alusão ao prêmio na loteria se aplica para este grupo, pois, sem nada esperar da escola pública comum, uma vez sorteado pelo CP, as famílias creditam à escola a possibilidade de mudar de vida, ter um futuro melhor e tirar proveito do lugar conquistado. Para este grupo, os planos advindos de uma escolarização diferenciada são feitos a posteriori, ou seja, os planos de um futuro melhor somente são delineados a partir da matrícula. Até então, os planos sobre a escolaridade dos filhos estão subsumidos ao contexto socioeconômico das famílias e suas expectativas limitadas em relação ao futuro.

Para as famílias entrevistadas, a aposta em um sorteio que pode mudar o destino escolar do filho não parece ser um ato fruto de um planejamento metódico e racional. Se não se pode falar aqui em mobilização, é possível pensar que a razão da escolha pelo sorteio evidencia a tentativa de burlar o destino da maioria, ou seja, a matrícula em uma escola pública comum, definida pelo Cadastro Escolar. Tais famílias, constrangidas a não poder fazer escolhas para a escola do filho, esperam do sorteio no CP a chance de ter nas mãos o bilhete premiado, tal qual o jogo em uma loteria. Mas é a sorte o único preditivo que poderá modificar a trajetória de poucos, dentre os muitos inscritos.

Na análise dos discursos é explícita a ausência de informações claras sobre o CP, mesmo entre os pais que foram aconselhados por pessoas próximas da vida universitária e do CP. É recorrente a justificativa de que se a escola federal é melhor que a escola pública comum, então vale a pena tentar a sorte. Na maioria dos casos, foi somente após o ingresso do filho na escola de educação básica é que os pais passaram a investir em um maior conhecimento sobre o ensino médio e profissionalizante garantido pelo

COLTEC, passando a nutrir, a partir de então, a expectativa de realização de um curso superior na universidade pública onde a escola está situada. Em outros termos, a relação com a escola e as oportunidades que podem derivar dela se intensificam após o ingresso no CP.

Estar dentro da Universidade e apostar em um capital relacional parece ser algo desejado e enfatizado pelos entrevistados. É somente após a matrícula na escola que começam a formalizar o desejo da escolarização prolongada, vislumbrando a oportunidade de estudar no COLTEC e, depois, quem sabe, ingressar no ensino superior pela UFMG¹³.

5. A construção de expectativas após o sorteio e a promessa de uma boa escola

Em linhas gerais, as famílias disseram que acompanham a vida escolar do filho, mas que procuram praticar a autonomia, de certa forma incentivada pela escola. Por isso, perguntam dos deveres de casa e colaboram dentro dos limites possíveis da ajuda. Grande parte destas famílias também oferece as condições adequadas para isso: poupam o filho do trabalho até a conclusão do ensino fundamental, têm computador e internet em casa. Incentivam a leitura e metade das famílias afirmou ser leitora.

Não é incomum nas entrevistas, relatos de muitas famílias que disseram, ter voltado a estudar – sobretudo as mães – para auxiliar os filhos no dever de casa. Por isso mesmo, sentem-se orgulhosos que os filhos estudam em uma escola no interior do Campus da UFMG, o que parece dar-lhes a sensação que poderão perfazer um circuito virtuoso na educação pública: colégio federal de aplicação, ensino médio técnico no COLTEC e depois ingressar na Universidade (UFMG). A maior parte das famílias não hesita em dizer que não vê nenhum inconveniente em que o filho concilie trabalho e estudo. Percebe-se claramente que são famílias investidas do ‘ethos batalhador’ (*apud* Souza, 2010), ou seja, uma nova classe média que quer consumir, estudar e trabalhar. A genealogia destas famílias indica que são provenientes de famílias pouco escolarizadas, fazendo parte de uma geração que conseguiu ascender social e economicamente – quando comparada aos seus genitores – às custas de um investimento em mais anos de escolaridade e, por isso, não deixaram de apostar na vontade de oferecer um ensino diferenciado a seus filhos, uma vez sorteados com uma vaga no CP.

¹³ Deve-se ressaltar que, quando a família é mais numerosa, com exceção de uma família, cujo tio/padrinho pagou a escola batista para o sobrinho/afilhado, todos os irmãos dos alunos entrevistados estudam ou estudaram em escola pública comum.

O acompanhamento escolar é terceirizado entre os familiares, com avó e tia cuidando do neto/a; sobrinho/a. Prevalece também aqui o discurso do ‘esforço pessoal’ acima de tudo e a ideia que, uma vez dentro da UFMG, é preciso garantir a permanência dos filhos lá dentro, seja por meio do ensino médio no COLTEC e, posteriormente, na UFMG.

6. Considerações finais

As análises das entrevistas permitem algumas inferências, como por exemplo, que um dos principais fatores de motivação destas famílias para a matrícula em uma escola pública diferenciada é a possibilidade de evitar a escola pública comum, sendo o sorteio a única alternativa para aqueles que não possuem meios para escolher um estabelecimento de ensino para os filhos. Ao ‘tirar a sorte’ por meio do sorteio e garantir a obtenção de uma vaga no Centro Pedagógico, estas famílias matriculam seus filhos em uma escola muito melhor equipada do que suas parceiras públicas comuns, além de mais segura (por situar-se dentro do campus da UFMG) e, o mais importante, passam a nutrir, a cada ano escolar, a expectativa de que a distância que separa o filho de uma Universidade Pública pode ser diminuída e fazer parte da realidade concreta de muitas destas famílias.

A possibilidade de ingressar em uma escola técnica, de nível médio, também satisfaz os planos destas famílias que não se opõem que o filho concilie trabalho e estudo ou mesmo ingresse no mercado de trabalho tão logo conclua o ensino obrigatório. Ter conseguido driblar o destino quase certo, qual seja, a matrícula em uma escola direcionada pelo Cadastro Escolar, é um indício de que a ‘sorte lhes sorriu’. Uma vez dentro da UFMG, sentem-se menos alijados de direitos que ainda são reservados a apenas uma minoria da população brasileira, dentre eles o direito de aprender na escola. Passam a ter acesso a um capital de informações antes desconhecido ou pouco conhecido. Constroem planos. Muitos pais e mães sentem-se motivados a voltar a estudar para acompanhar as demandas escolares dos filhos, fazem uso de um repertório escolar que permite acessar outras formas de planejar o futuro e, assim, a escola vai ganhando outra dimensão na vida das famílias.

7. Referências

- ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Medida de nível socioeconômico de alunos e escolas com as informações das avaliações educacionais em larga escala. In: *36º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais*. GT06: Desigualdade e Estratificação Social. Águas de Lindoia, São Paulo, 21 a 25 de outubro de 2012.
- ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. *Opinião Pública*, vol.15, nº. 1, pp.01-30, 2009.
- CASTRO, Rúbia Mara Pimenta de Carvalho. *Os sentidos da escola engendrados no cotidiano escolar e nas vivências familiares de alunos do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2002, 137p.
- FRANCO, Creso; BROOKE, Nigel; ALVES, Fátima. “Estudo longitudinal sobre qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro: GERES 2005”. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, vol.16, nº.61, pp.625-637, 2008 .
- NERI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 7, Jan/Abr, pp.42-56. 1998.
- PASTORE, José. *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. *Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo: Markron, 2000.
- PINTO, Marcus Vinícius. Cadastramento Escolar: democratização do acesso à escola pública. *Revista IP: Informática Pública*, nº. 2, pp.139-156, 1999.
- POUPEAU, Franck. Escolhas Escolares das Famílias. In: van ZATEN, Agnès (coord.). *Dicionário de Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011, pp.398-402.
- RESENDE, Tânia de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques; NOGUEIRA, Maria Alice. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. *Educação & Sociedade*, vol.32, nº. 117, pp.953-970, 2011.
- SOUZA, Amaury de; LAMOUNIER, Bolivar. *A classe média brasileira*. Ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília: CNI, 2010.
- SOUZA, Jessé. *Os Batalhadores brasileiros- nova classe média ou a classe trabalhadora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SOARES, José Francisco; PINTO, Jason Isnard Maurício; BASTOS, Ludmila Correa. *O Efeito do Centro Pedagógico da UFMG no desempenho cognitivo de seus alunos*. Trabalho apresentado no 1º seminário Pesquisa Geração Escolar 2005, Hotel Liberty, Belo Horizonte, 17 e 18 de abril de 2008.
- VAN ZANTEN, Agnès. *Choisir Son École - Stratégies familiales et médiations locales*. Presses Universitaires de France, 2009.